

Discurso d. h. c. 17-04-2026

Caminante, no hay camino
se hace camino al andar
Al andar se hace camino
Y al volver la vista atrás
Se ve la senda que nunca
Se ha de volver a pisar

Caminante, son tus huellas el caminho, proclamou Antonio Machado – e nas pegadas desse caminhar se vê bem que, graças a Deus, eu nunca estive sozinho. Houve os meus pais, houve a minha professora primária, a escola salesiana, a Faculdade de Letras de Lisboa, a família – com mui especial relevo para minha mulher, Ana Rosa – o bem fecundo percurso na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde melhor pude construir o que sou. A todos sou profundamente devedor.

Bem hajam! Esta *honoris causa* é, pois... causa de todos! Bem hajam!

Bem haja o Senado da Universidade do Algarve por ter querido incluir-me na sua comunidade; bem haja o Doutor João Pedro Bernardes, por me apadrinhar nessa entrada. Facilmente se compreenderá o meu orgulho ao ser apadrinhado por alguém que, já catedrático agora, eu acompanhei desde os bancos do 1º ano da Faculdade, no já longínquo ano de 1981!

Doutor em *Estudos do Património*, área cuja inserção na oferta da nossa Universidade se deve ao dinamismo da Profª Teresa Júdice Gamito. Curvo-me diante da sua memória, no dia em que passam 20 anos sobre a sua morte súbita, quando guiava uma visita de estudo no Irão.

Poesia é património

Barrocalense me confesso. Dum Barrocal onde, segundo parece, do nascer ao pôr-do-sol, os versos sempre nasceram espontâneos.

Tivemos o Ibn-Amâr, da minha Xanabus; tivemos Al-mutamid, de Silves; João de Deus; o José Dias Sancho, o Bernardo de Passos, temos o Manuel Neto dos Santos e, claro, teremos sempre o incontornável António Aleixo.

Eu sou capaz de acordar de manhã, trauteando um fado ouvido ao meu pai sobre a ida para os Açores no tempo da Segunda Guerra, nos princípios da década de 40, ou o «Sei dum rio», de Camané, ouvido, na noite anterior, «Em casa d'Amália». Os versos estão-nos no sangue e recorde de meu pai, por dá cá aquela palha, logo inventar uma quadra. Por isso, eu dei uma importância enorme aos poetas ditos «populares». Publiquei deles vários livros e muito me congratulo por jornais locais algarvios dedicarem páginas inteiras a publicarem versos de poetas populares. Poetas que são, como teve a oportunidade de me dizer Ernesto Guerra da Cal:

«Toda a poesia teve as suas origens mais primigénias no impulso criador do povo iletrado na Península Ibérica. Tanto a lírica primitiva galaico-portuguesa como a da época medieval castelhana brotaram dos lábios fundos do povo, que, espontânea e naturalmente, cantava, acompanhando-se com os seus próprios instrumentos artesanais. Cantavam os seus amores, os seus trabalhos, as suas dores... Os poetas populares são os últimos representantes desses poetas naturais que outrora supriram as necessidades líricas de todas as populações rurais, que deles também dependiam funcionalmente para as letras de cantigas e bailados, baptizados, casamentos, aniversários e festas patronais».

Num jornal local, as poesias dos vizinhos são a forma mais ou menos elegante de contarem o que lhes vai na alma e narrarem os acontecimentos que mais os terão impressionado. Crónicas são elas em verso!

E a poesia vive dum outro património primordial: a **língua!**

Apraz-me, a esse propósito, evocar a memória de Manuel Viegas Guerreiro, meu professor que foi de Etnologia. Nas aulas nos deliciava a dar estalidos com a língua, para mostrar como falavam os boximanes, que ele tivera oportunidade de estudar.

A importância da fala. E, nesse aspecto, uma saudação particular a Lídia Jorge, que, no seu *Dia dos Prodígios*, teve a feliz ideia de dar forma literária ao falar quotidiano, inclusive anotando, por meio de uma pontuação aparentemente estranha, as pausas que se fazem ao falar. O **falar algarvio**, de que já temos dicionários (o de Eduardo Brazão Gonçalves, por exemplo), de que pessoas (como Estanco Louro e, mais recentemente, o Padre Afonso Cunha) procuraram reabilitar, e escritores, como Julieta Lima, que o não querem deixar morrer. Eu próprio tenho dado todo o apoio ao *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências, indicando terminologia nossa (ainda há dias aí se introduziu ‘garrocho’).

A língua que serve para cantar e, por isso, outro património a acalantar é o da nossa **Música**. O corridinho – ai, o brejeiro baile mandado do Rancho da Casa do Povo de Alte, «tem cuidado com a moça não bate com o ... no chão!». E o acordeão! Sempre recordarei as noites, em que, ainda catraio, na Sociedade de Bordeira, ouvia, embevecido, o dedilhar extraordinário de Eugénia Lima. Sim, não era nossa Eugénia Lima, como o foi o Madeirinha; no entanto, na realidade, nós acabámos por a adoptar! O acordeão, de que, em São Brás, se criou escola para desenvolver o estudo e a prática deste instrumento.

É património a nossa **culinária**. Ai, estas zeitonitas britadas ou retalhadas, estas zeitonitas em sal, este pratinho-aperitivo de cenourinha cozida e azeitonas bem temperadas com orégãos... só nosso! Esses carapauzinhos alimados, esse xarém com petinga frita, este arroz de lingueirão!... E se, há pouco, evoquei a memória de Manuel Viegas Guerreiro, apraz-me evocar agora a do meu antecessor nesta honra de ser professor na Universidade do Algarve: Joaquim Romero Magalhães. Se com seu pai, Joaquim Magalhães, tivemos a dita de ver coligidos os versos do Aleixo, de Romero – em Coimbra algarvio comigo – hei-de sempre a vê-lo, a determinado momento, a sub-repticiamente esgueirar-se do grupo, em Loulé, para ir ao mercado comprar aquelas ervinhas inexistentes em Coimbra, especial condimento para os seus pratos. Culinária que muito se deve à investigação da são-brasense Doutora Maria Manuel Valagão, no âmbito da promoção da dieta mediterrânica, a que nós, no Algarve, depressa aderimos de alma e coração!

Património é a **paisagem**. Em 1º lugar, a biodiversidade, por que tanto tem lutado o meu colega Jorge Paiva, que recentemente lembrou:

«Dos três Patrimónios (Material, Cultural e Biológico) aquele a que – é um tremendo descuido, esse! – menos atenção se tem dado é a biodiversidade, uma vez que a maioria dos governantes de todos os países ignora, quase em absoluto, a extraordinária importância que os outros seres vivos têm na nossa vida».

Recorda que é da biodiversidade que provêm alimentos, medicamentos... tudo! E que há muitos seres vivos que produzem o oxigénio que respiramos e limpam a atmosfera que poluímos».

E aqui tenho de pedir desculpa ao meu ilustre colega, por ousar meter foice na sua seara. As nossas casas típicas, há necessidade de as manter, tanto as do ambiente rural como as do ambiente citadino: as chaminés datadas, os lintéis e peitoris de cantaria... E é tão bom levantar-se, de manhã, olhar para a Serra: as casas, pontos brancos semeados por entre o arvoredos. Uma sinfonia de verdes!... Ai, o cheiro acre das flores de alfarrobeira, o manto branco das amendoeiras, o sabor fresco e doce daquele figuinho matutino da figueira de dois-à-folha! Os figos torrados, os figos moles, os figos cheios.

E, mui prezado Fernando Pessoa, a batalha que há a travar, nesta época de enxurradas, pela manutenção de um seu remédio ancestral, outra coleante sinfonia que é a dos valados de pedra solta, um património por que Marta Marçal e Gonçalo Prates, ambos nossos colegas na Universidade do Algarve, estão briosamente a terçar armas!

Magnífica Reitora, prezados Amigos,

Não me perdoariam se eu não falasse do **património arqueológico**, os vestígios materiais da Antiguidade. Aliciante turístico, sim, mas sobretudo veículo de imorredora memória. A *villa* romana de Milreu; o grito de alerta que foi a descoberta, em plena baixa fareense, do notável mosaico do Oceano; aquela inscrição de *Balsa*, a romana Tavira, em que um recém-eleito se não esqueceu de, por isso, dar graças à deusa Fortuna e distribuiu benesses ao povo e organizou um combate de gladiadores e uma batalha naval!

Parecerá impossível saber de marido que homenageie com uma estátua sua mulher. Não foi impossível – e esse recentíssimo achado deu-nos a conhecer um dos mais importantes monumentos da Arqueologia fareense. Porque não se trata de um casal qualquer! Eles identificam-se como senadores! Só tínhamos eco de senadores em Évora, *Liberalitas Iulia Ebora*. Temo-los agora, pela primeira vez, em *Ossonoba*, que assim se guinda a um patamar ainda superior: o cônsul *Artemonianus*, varão mui ilustre (*vir clarissimus*), dá graças – também ele – à deusa Fortuna, por lhe ter sido concedido viver com uma esposa *sanctissima, piissima, karissima*, mulher de mui ilustre memória.

Magnífica Reitora Professora Alexandra Teodósio,
Meus prezados Amigos

Barrocalense me confessei e mostrei;
professor sempre quis ser e serei,
enquanto tiver vida e tiver norte.

Por isso, é bom terminar
a ler quem vendeu a sorte:

(António Aleixo)

E assim, lição por lição,
Que, a pouco e pouco, aprendemos
De outros – a outros daremos
Que a muitos outros darão

TEM AVONDO!